

## **A poética do inacabado: o projeto *Numeral* de Armando Freitas Filho**

Marcelo Diniz

### **Resumo:**

*Corpo e escrita, sempre presentes na trajetória poética de Armando Freitas Filho, ganham a configuração limite em seu último projeto-práxis: a série de poemas intitulada Numeral implica o corpo e a escrita como forma de numerar até a morte. A comunicação apresenta uma leitura dessa série como um projeto de obra, a priori, inacabado.*

**Palavras-Chave:** corpo, escrita, semiologia, filosofia, inacabado

### **Do corpo como inacabado**

Não raro, a condição corporal é considerada pela tradição filosófica como a fonte das principais manifestações contraditórias. Não raro, a ambigüidade de valores implicados nessa condição conferiu ao próprio corpo os valores negativos da instabilidade. É justamente como uma espécie singular de objeto que a fenomenologia compreende o próprio corpo: ao mesmo tempo objeto do mundo e instrumento perceptivo do mundo, ao mesmo tempo objeto e, contraditoriamente, aquilo que nunca se ausenta, que nunca se objetiva por completo, como afirma Merleau-Ponty. A própria instabilidade é a evidência do corpo: a consciência do corpo se dá junto a todas as categorias por ele envolvidas: tempo e espaço, o corpo é o sintoma mais íntimo da própria finitude.

Talvez um dos principais constrangimentos que derive dessa condição corporal seja o do inacabamento. Geração e corrupção, o corpo, sobretudo sob a perspectiva temporal, é o suporte mais próximo da experiência do inacabado. Se as possibilidades de sua figuração oferecem-se ao pensamento, há de se reconhecer certa defasagem entre o acabamento que a figura parece-nos prometer e o corpo de fato que não cessa de transbordar os limites de sua representação. Se essas representações, em geral, descrevem o corpo como totalidade orgânica e auto-reguladora de sua própria constituição, algo do próprio corpo parece sempre escapar à sua própria representação, algo que, pela experiência dramática do próprio corpo, parece precipitá-lo nas regiões confusas da alteridade, nessa zona ambígua em que, a um só tempo, estabelecem-se bem como esmaecem seus contornos espaciais e temporais. O corpo como experiência do inacabado conduz-nos às aporias em que se implicam os próprios modos de individualizá-lo em relação ao mundo que o contorna.

Seria meu corpo apenas a representação de minha individualidade, o suporte social com que faço circular no mundo minha identidade? Ou seria este corpo que me constitui um ponto de passagem dos fluxos sociais em que se depositam os signos que me fundam e condicionam os desejos de um espaço social mais complexo do qual meu corpo não passa de mais uma efeméride na série? A experiência do inacabado reconhece o corpo como parcialidade, no caso, de um corpo social com o qual minha individualidade compreende-se a um só tempo como produto e dejetivo. A objetividade com que posso figurar meu próprio corpo compreende a própria semiose de uma cultura que, ao mesmo tempo em que individualiza meu corpo e descreve a totalidade relativa de que é feito, elabora em mim a consciência de sua parcialidade diante de um espaço social do qual meu corpo não passa de uma peça substituível e anônima. Meu corpo, sob o prisma do espaço social que o gerou e

o geriu, menos meu do que do que desse lócus a que pertença, é a evidência de uma totalidade problemática sempre em processo.

É concebendo, portanto, as aporias do corpo como processo que podemos também conceber, além da parcialidade com que se descreve sua natureza social, o drama próprio da finitude que nos descreve o corpo como experiência do inacabado. Nesse sentido, menos que seu aspecto parcial e fragmentário que nos o apresenta o próprio corpo sob a perspectiva do corpo social, a finitude que demarca os limites do corpo e da consciência descreve-nos um corpo por excelência temporal e inacabado, inacabado porque temporal. A efemeridade dramaticamente implicada na condição corporal revela-me que meu corpo e minha consciência são sempre parciais em relação à sua própria duração total. Consciência em processo, corpo em processo, minha duração, minha finitude, meu corpo se me apresenta para sempre como inacabado, sempre por se fazer. Neste sentido é que podemos dirigir ao corpo a descrição que nos oferece André Chastel ao considerar umas das práticas de representação do Renascimento e do Maneirismo, comentando acerca do inacabado especificamente em Miguelângelo:

Chez Michel-Ange il [l'inachevé] a (...) une implication éthique. Il l'a souvent indiqué dans ses difficiles poèmes. L'art du sculpteur arrache à la matière les figures englouties et l'on retrouve à tous leurs stades du travail une analogie convaincante avec l'effort et les tourments de l'âme aux prises avec sa propre complexité. L'inachevé manifeste la forme insuffisamment dévoilée.<sup>1</sup> (Chastel. 2000. p36)

O modo inacabado com que o próprio corpo constantemente se nos apresenta à consciência parece-nos não só evidenciar a precariedade de qualquer forma que figure o próprio corpo bem como implicar a consciência do sentido artístico. Como o *Escravo* de Miguelângelo, o inacabamento do próprio corpo é a evidência de que a insuficiência da forma deriva das tensões próprias de um corpo que se concebe em constante criação, e a criação como processo constante. O inacabado parece-nos investir-se de uma poética própria estreitamente implicada na condição de um corpo concebido como processo. Se o inacabamento do *Escravo* descreve-nos a tensão dramática dos gestos de um corpo entre a forma e a matéria justamente ao modo de uma obra em processo, uma poética do corpo parece-nos encaminhar a concepção do corpo como poético por excelência e essa identificação do corpo com o poético, necessariamente, parece-nos conceber o corpo e o poético dentro de uma perspectiva em que o inacabado ganha sua forma positiva, ou seja, sua concepção própria.

O elogio do inacabado, portanto, ao mesmo tempo que nos descreve a condição corporal, pode-nos apresentar uma ética implicada nessa condição. Se, por um lado, o inacabado é a condição que se nos oferece o próprio corpo em sua apreensão social ou temporal, é como inacabado que o corpo pode conceber a positividade dessa mesma condição. O inacabado parece deixar de derivar do acidental, do não-total, da negatividade. Uma poética do inacabado, menos que a melancolia das

---

<sup>1</sup> “Em Miguelângelo, ele [o inacabado] possui (...) uma implicação ética. Ele mesmo frequentemente o indicou em seus difíceis poemas. A arte do escultor retira da matéria as figuras submersas e encontra-se em todos os estágios do trabalho uma analogia convincente com o esforço e os tormentos da alma presa em sua própria complexidade. O inacabado manifesta a forma insuficientemente desvelada.” O ensaio de André Chastel a que nos referimos tem como objetivo a introdução em uma série de procedimentos técnicos do Renascimento e do Maneirismo que seriam o fragmentário, o híbrido e o inacabado.

ruínas e do fragmentário<sup>2</sup>, parece-nos apontar não só ao reconhecimento dos limites da figuração e do próprio corpo, como também a afirmar o corpo para além desses limites, afirmá-lo justamente nesse ponto em que o corpo, sem desconsiderar seus limites, lança-se como experiência de sua própria ultrapassagem. Uma poética do inacabado parece-nos só ser possível mediante essa ultrapassagem, dramática por certo, sintomática por certo, que concebe o corpo, suas aporias e sua infigurabilidade, como poético. Uma poética do inacabado parece-nos, por fim, aquela que mais nos conduza ao que Valéry afirma como *une sorte d'Éthique de la forme que conduisait au travail infini*<sup>3</sup> (VALÉRY.1938.p.59).

### **Do Numeral**

Lançada, justamente, na edição da obra reunida de Armando Freitas Filho, intitulada *Máquina de Escrever* (Nova Fronteira, 2003), *Numeral* quer-se uma série numerada de poemas que, considerando sua seqüência na edição de *Raro Mar* (Companhia da Letras, 2006), já soma mais de 60 poemas. Essa série parece-nos encarnar um projeto no qual a aporia da escrita inacabada deriva da aporia da finitude que encerra o próprio corpo. O serialismo desse projeto parece dirigir nossa reflexão para a tensão própria da aporia que o corpo experimenta quanto à sua finitude e à pulsão infinita ou de infinito de que é a expressão. O serialismo parece encarnar o signo *máquina* do título da obra reunida, duplicando sobre a escrita esse mesmo indecível entre o finito e o infinito em que o corpo se reconhece.

A série *Numeral*, portanto, parece-nos desdobrar uma poética que apreende o corpo em sua temporalidade dramática: a evidência da finitude que se apresenta diante de uma enumeração *até a morte* depara o leitor com um sujeito lírico tensionado por duas espécies de imperativos que correspondem à corrupção objetiva, à entropia fatal e natural do próprio corpo, e á irrupção subjetiva do gozo, a constituição própria do sujeito desejante. No entanto, no caso específico da poética de Armando Freitas Filho, essa escrita resta sempre ao pé do sintoma, do paroxismo corporal entre a objetividade do destino temporal e o desejo subjetivo encerrados em uma mesma experiência. Longe de nos oferecer uma poética em que a escrita contornasse o problema proposto por essa aporia da morte e da vida num mesmo corpo, a metáfora da máquina parece-nos descrever uma ética possível em relação a esse outro que nos subtrai do mundo à revelia do próprio desejo. Vale-nos a leitura do *numeral 20*:

“Numerando até a morte”  
principalmente o inominado.  
Mergulho para dentro  
para onde só há expectativa.

---

<sup>2</sup> Assim descreve André Chastel o sentido próprio do fragmentário para o Renascimento e o Maneirismo: Le fragmentaire en [une négation du fini et du « vrai »] est la ruine par accident et introduit, non pas la fascination de l'informe, mais le désarroi, l'impuissance devant l'usure et la mort, la difficulté de maintenir l'intégrité du « fini » et du « réalisé » (CHASTEL.2000.p.44). « O fragmentário o [uma negação do 'finito' e do 'verdadeiro'] é como ruína por acidente e introduz, não a fascinação do informe, mas a confusão, a impotência diante da usura e da morte, a dificuldade de manter a integridade do 'finito' e do 'realizado'.”

<sup>3</sup> “um tipo de ética da forma que conduziria ao trabalho infinito » Referimo-nos ao ensaio *Au sujet du “Cimetière marin”*. Vale-nos ainda a citação em que Paul Valéry nos descreve os afetos implicados no fazer intransitivo da escrita poética e que nos remete à noção do inacabado e sua implicação ética: Je ne sais s'il est encore de mode à élaborer longuement les poèmes, de les tenir entre l'être et le non-être, suspendus devant le désir pendant des années; de cultiver le doute, le scrupule et les repentirs, - tellement qu'une oeuvre toujours ressaisie et refondue prenne peu à peu l'importance secrète d'une entreprise de réforme de soi-même.(VALÉRY.1938.59) « Eu não sei pelo modo de elaborar longamente os poemas, de apreendê-los entre o ser e o não ser, suspensos diante do desejo durante anos; de cultivar a dúvida, os escrúpulos, os arrependimentos, - uma obra sempre apanhada e refundida toma, pouco a pouco, a importância secreta de uma empresa de reforma de si mesmo.”

Motor de idéia fixa, movido  
pelo suor no cavalete, a pleno  
em prova, concentrado  
sem ter ainda a dispersão  
da partida, quase no ponto.  
Veículo que se não saiu do plano  
já possui todo o pontilhado  
para suportar qualquer fuselagem,  
carroceria, aerodinâmica.  
Mas se deixa perceber, breve  
perdido, entre os aros da peneira  
que o sol abriu e furou, pré explosão  
e de repente – nem sombra

Corpo e escrita parecem-nos a todo momento implicados na ambigüidade da descrição. O corpo como veículo, a escrita como veículo, a poética de Armando convida-nos ao constrangimento serial que a tensão entre o gozo e a morte estabelecem. O serialismo maquínico, *motor de idéia fixa*, corresponde, portanto, à imanência da máquina paradoxal e ambígua que é o corpo dilacerado entre a consciência de morte e o desejo de gozo. Longe de corresponder nesta série à definição, à delimitação, à figuração, o número se configura como proliferação, multiplicação, desdobramento. Longe de a série subsumir-se a uma unidade que identificaria suas partes a um todo orgânico, a numeração assume a condição do inacabamento do próprio corpo como o inacabamento da própria escrita.

Corpo inacabado, escrita inacabada, a poética de Armando Freitas Filho parece confluir um modo específico de representação da tensão entre finitude e infinitude, entre a morte e o gozo. Se a série *Numeral* reitera a estética fragmentar e anorgânica, mais do que o fragmento, a série figura-nos um corpo em constante fazer-se. Se o fragmento a princípio configura a consciência da morte como interrupção, *parada brusca*, ruptura implicada na própria alteridade do corpo, o serialismo figura-nos um corpo por se fazer, um corpo cuja organicidade é constantemente dilacerada pela afirmação de seu gozo, cuja forma é constantemente desnivelada pela máquina desejante de que provém. Do fragmentar ao informe, a consciência da finitude do corpo obtém como resposta poética um corpo que se compreende pelo seu excesso, pela sua multiplicação, e concebe a escrita não como chegada, mas como *veículo*, como processo. Do fragmentar ao informe, o corpo na poética de Armando Freitas Filho configura-nos uma ética que busca afirmar o gozo para além da morte através do princípio expansivo de uma escrita que incorpora o mundo, tensiona o mundo no drama próprio do corpo.

É sob essa perspectiva que o signo *máquina* parece investir-se de seu aspecto mais específico. A máquina compreende-se como meio, instrumento que reitera os atritos do corpo ao invés de contorná-lo, que expande seus limites ao invés de substituí-lo. Vale-nos, para a ilustração desse valor específico do signo *máquina*, a leitura do último numeral publicado em sua obra reunida, o de número 26:

Escrevia a um palmo de si.  
Às vezes nem isso. Às vezes  
por dentro, sem se separar  
da sua sombra, sequer do suor  
do corpo. Mesmo estando na máquina  
que reúne, mecânica, o que parece  
ruído, disparo – revólver e relógio.  
Ou quando, em computador, se ouve  
ordenado, o franzido rumor

de arame e oceano, e, também, talvez  
o roçar dos astros.

A máquina é o meio pelo qual o corpo se faz presente, estende-se, propaga-se. A máquina não elimina o esforço do corpo, não contorna seu sintoma, não higieniza sua presença. A máquina como processo, como veículo, como extensão do corpo concebe a possibilidade da epifania cósmica e erótica, o que de certo modo nos sugere a maquinização do todo como imanente à maquinização do corpo através de uma escrita que se quer processual e inacabada e que vislumbra o ambíguo *roçar dos astros*. O inacabado, neste caso, experimenta-se como ética, como proposição que compreende não só o corpo bem como o universo como máquina e processo.

Que findemos esta apresentação com um breve comentário acerca de um poema de *Raro Mar* que não pertence à série *Numeral*, mas que bem ilustra a dinâmica da poética do corpo na obra de Armando.

Unready-made

Mix de catre-carro-arca feito de desmanche  
de madeira disparatada, céu aberto, desastre.  
Motor arcaico de músculo moído, suor, berro –  
/arcacatre-carro/ - empurrado pedra acima.  
Ponto de partida, de chegada de récamier primitivo  
carroarcatre cheio de jornal, cacareco, catapapel  
pano, papelão, lata, cachorro, criança-carro, resto  
de carroça esquelético, catre-carro arca, com lixo  
com tudo que perde, e junta parcelas no chão do percurso  
carrocatre-arca rangendo no asfalto sobre rolimãs  
movido a álcool, cola, a calão na fala estropiada.

É esta a figuração do corpo que a escrita de Armando Freitas Filho nos oferece. O corpo-*mix*, produzido num comércio à margem, pelas margens, o agregado de dejetos, *carrocatre-arca*, um corpo cuja totalidade, cuja arquitetura, cujo princípio é composição e multiplicação. Corpo como veículo, processual, instrumento de passagem; corpo como catre, cama de viagem, habitação móvel; e o corpo como arca, ambíguo entre o instrumento de viagem e o sufixo de adjetivação, -arca, princípio próprio que defina o corpo como processo, o corpo neológico por excelência.

### ***Bibliografia:***

CHASTEL, André. *Fables, formes, figures II*. Paris. Flammarion. 2000

FREITAS FILHO, Armando. *Máquina de escrever – poesia reunida e revista*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2003;

\_\_\_\_\_. *Raro Mar*, São Paulo, Companhia das Letras, 2006

PONTY, Maurice Merleau . *Fenomenologia da percepção*. Trad. Carlos Alberto

Ribeiro de Moura. São Paulo. Martins Fontes. 1999;

VALÉRY, Paul. *Variété III, IV et V*,. Paris. Folio. 1994;